

## A caixa do Rondon

Ana Gabriela  
Acadêmica de Enfermagem na UFSC

Sou formanda de Enfermagem da UFSC, uma das 5 criaturas metidas a besta que se infiltraram na Operação Grande Oeste.

Na verdade tudo começou há muito tempo atrás, numa galáxia distante... Meu tio me contava as aventuras dele no Rondon quando eu era do tamanho de um botão. Eu ouvia encantada, sonhando em estar lá também e quando me perguntavam o que eu queria ser quando crescer eu sempre respondia “princesa-bailarina-pintora-cantora-arrumadeira-rondonista”.



O tempo passou, eu cresci e a vontade de participar foi ficando atrás de um amontoado de “caixas do cotidiano”. Sabe? Tinha a caixa de “responsabilidade familiar”, a caixa de “cansaço”, a caixa “do tcc”, “das matérias da faculdade”, a caixa de “eu preciso ganhar dinheiro” e finalmente veio a caixa “do medo”. O medo de virar estatística. Eu estou prestes a deixar de ser o futuro da nação para me tornar um problema social. O último semestre da faculdade foi PESADO. No finalzinho, um amigo me cochichou sobre uma tal operação do Rondon da UDESC.

Minha vontade de participar do Rondon deu pulinhos de alegria, sacudindo a poeira e jogando as outras caixas para todos os lados. Eu PRECISAVA ir. Precisava reencontrar com a minha essência... Precisava do Rondon para que eu não me perdesse. Bati o pé e fui.

E acho até difícil colocar em palavras. Isso de trabalhar mais do que qualquer coisa, voluntariamente, passar frio, dormir amontoados feito uma ninhada de cachorrinhos, receber abraços, trocar experiências com velhos, crianças, adultos... Não tem como permanecer o mesmo. É impossível permanecer inerte, insensível...

Incrivelmente, o que mais me chamou a atenção foi a carência afetiva de todos. Crianças, velhos, professores, profissionais da saúde, servidores públicos... Esquecemos, no dia a dia de perceber o outro, de abraçar, de olhar nos olhos e perguntar “como você está?” e esperar realmente uma resposta. O que mais fizemos foi a Terapia do Abraço, inconsciente, mas presente em todos os momentos. No nosso dia a dia, esquecemos de olhar para o outro e dizer “eu te amo”, “obrigada”, “desculpa”, “você é importante!”. Reaprendi a olhar para o outro, de verdade, e isso não tem preço!

A gente sempre pensa em ir para o Rondon para mudar o mundo. Então ouvimos que não vamos mudar o mundo, vamos plantar uma semente. Mas digo mais! Eu voltei com a semente do Rondon no meu peito, na minha alma, na minha mente... Pra mim isso é o Rondon! É como ir tosquiada e sair tosquiada.

Voltei renovada e pronta para enfrentar a minha caixa do medo de virar estatística. Aliás, o medo virou desafio auto-aplicado. Não vou virar estatística! Independente de onde eu cair, não vou ser “mais uma”! E só tenho a agradecer ao Rondon e à minha Família de 10 que virou 11.

Aos Gatinhos, Obrigada, Eu te amo, Vocês são muito importantes...

